

Turismo na Cidade de São Paulo: o guia turístico de 1924

*Madalena Rodrigues Nova¹
Sênia Bastos²*

Resumo: Com o processo de modernização que ocorre na cidade, desde o final do século XIX, São Paulo, constitui destino turístico das famílias do interior do estado, que vêm à cidade atraídas por seu comércio e serviços. Este artigo objetiva analisar o guia do viajante da cidade de São Paulo do ano de 1924. O guia divulga os principais lugares para se estar ou para visitar, bem como esclarece as possibilidades de transporte para passageiros. Edificações, obras de arte, restaurantes e hotéis encontram-se descritos detalhadamente, de forma a incentivar a visita. A análise de conteúdo descritiva foi a metodologia usada neste trabalho.

Palavras-chave: Turismo. Hospitalidade. Guias impressos de turismo. São Paulo.

Introdução

O final do século XIX, marca a cidade de São Paulo com aparência de cidade européia, entre outros fatores, em virtude do clima, frio e úmido, a intensa imigração ocorrida entre 1890 e 1914, que segundo Reis (2004) corresponde a 70% de sua população, a arquitetura de fisionomia eclética, sobretudo o neoclassicismo.

São Paulo cresce rapidamente, a base da economia já não é o produto agrícola, mas a produção industrial. A urbanização valoriza os espaços públicos com estrito disciplinamento das edificações: no centro velho predomina a feição européia, e nos bairros aristocráticos da Cidade Nova, prevalece o modelo americano “com uma crescente verticalização e ausência de normas rígidas para controle das alturas (REIS, 2004, p. 189).

A infra-estrutura urbana melhora, os serviços públicos modernizam-se, inclusive os de educação, o concreto armado passa a ser adotado nas edificações e obras de infra-estrutura, com criação de novas estradas e melhoria das antigas.

¹ Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: marnova@gmail.com

² Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: bseniab@terra.com.br

A outra face desse processo de mudança foi a modernização do lazer e da cultura. A mudança nos costumes e no consumo provoca o desenvolvimento de novas formas de lazer como o turismo e os esportes. O turismo se desenvolve e a cidade passa a receber as famílias do interior do estado, pois, São Paulo passa a ser o centro de comércio e serviços e, conseqüentemente, de consumo.

No final do século XIX e início do século XX, banhos de mar nas praias de Santos, se tornam comuns, sobretudo, para os habitantes da cidade, que conta com extensão de algumas vias que vão em direção às praias. É construída a vila do Guarujá, ponto turístico da região.

Nesse período a cidade é enriquecida com praças, jardins e parques, citados no guia ilustrado do viajante analisado neste artigo, pontos de visita obrigatória aos turistas e moradores da cidade.

Hospitalidade

Uma vez que os guias turísticos fazem a mediação entre o turista ou morador da cidade e o espaço público, dando a estes informações necessárias, são instrumentos da hospitalidade urbana, cujos aspectos observados por Grinover (2006) são: acessibilidade, legibilidade e identidade.

A acessibilidade, segundo o autor, trata do acesso dos indivíduos ou grupos sociais a serviços presentes na cidade que proporcionem igualdade de oportunidades, neste caso, acessibilidade física tangível, que se refere aos meios de transportes, sistema de infraestrutura e à localização do espaço das atividades ou serviços urbanos, como educação, saúde etc., os quais possibilitem ao morador viver na cidade, considerando as exigências de uma vida moderna. A legibilidade aponta a qualidade visual de uma cidade, considerando-se a imagem do seu território e de seus habitantes. No que se refere à identidade, o autor entende que seja algo formado ao longo do tempo e reconhece que no contexto atual, as diferenças culturais que definem a identidade estão se dissipando, dando lugar ao fenômeno chamado homogeneização cultural.

Para Camargo (2007), hospitalidade urbana consiste de instâncias regidas pela dádiva ou pelo negócio, em outras palavras a cidade se faz mais bonita e exhibe sua beleza como dádiva para os que nela moram, ou para os que a visitam. Se atualmente, a oferta de acomodação, restauração e entretenimento é maior fora do ambiente privado, temos a hospitalidade comercial sobrepondo-se à doméstica, sobretudo, nas grandes cidades.

A origem dos guias turísticos

O guia turístico pode ter esta denominação a partir da terceira década do século XIX, segundo Camargo (2002), pois, manuscritos do ano 1130 com o nome de Guia do Peregrino já existem e são destinados àqueles que fazem o caminho de Santiago de Compostela, descoberto no século IX, na Galícia, hoje território espanhol. Segundo Barretto, (2003) o peregrino francês, Aymeric Picaud escreveu o roteiro da viagem, indicando o caminho a partir da França, juntamente com histórias de Santiago, por volta de 1140, e este teria sido o primeiro guia turístico, ainda, manuscrito.

No século XVI, o guia inglês para cavalheiros praticantes do *Grand Tour*, era impresso, no entanto, não se sabe em que escala e não se tem conhecimento de como era feita sua distribuição. O que deve ser considerado apenas é que eram guias de viagem especializados, identificados pela finalidade da viagem: peregrinações, estudos e comércio de acordo com Camargo (2002).

Morgan-Proux (2006) chama a atenção para a elaboração de cadernos com anotações feitas pelos guias intérpretes durante as viagens nas montanhas dos Alpes franceses:

Mont Blanc, a antiga montanha maldita torna-se uma fonte de fascínio e de façanha esportiva [...] É necessário não só a perícia técnica dos guias em matéria de alpinismo, mas também o conhecimento que possuem da montanha, resultante de prática cotidiana [...] Aprende-se a vida dos camponeses nos cadernos que eles deixaram [...] Os cadernos são uma fascinante fonte de informações sobre a atividade de guia, que se torna uma prestação de serviço para uma clientela que deseja satisfazer seus desejos de conquista e lazer (MORGAN-PROUX, 2006, p.111).

A autora destaca a natureza de tais anotações realizadas pelos guias nos cadernos como a presença de encostas, montes e picos; os itinerários também são descritos, com referência a modalidades de habitação, campos de pastoreio e outras curiosidades que possam atrair turistas, além do tempo de viagem ou passeio e até um pequeno vocabulário do idioma inglês. Infere-se que tais cadernos escritos no século XVIII e não publicados, podem ter servido como guias de viagem.

Ainda, Morgan-Proux (2006), contempla o viajante do século XVII, para quem tanto a montanha quanto o mar provocava apenas horror e sua nova percepção diante da natureza que se dá no início do século XVIII, sobremaneira, com o advento do romantismo. Camargo (2002) refere-se à literatura de viagens do século XVIII e também à literatura romântica. Os romances da época, exaltam não só a natureza, mas, o patrimônio, outros escritores ficam

conhecidos por seus romances históricos como Chateaubriand e Victor Hugo, o escocês Walter Scott, George Sand, Stendhal, Rousseau, entre outros nomes.

As arenas, as termas, os templos, ainda que em ruínas ou ocupados para finalidade de moradia ou negócios passam a ser valorizados como locais dignos de visitação. Se j a eram conhecidos e se sabia do seu valor econ mico, passam agora a ser objetos de culto nacional ou visitação (CAMARGO, 2002, p.60).

Nesta época os meios de reprodução das paisagens limitam-se a desenhos ou pinturas, porém a partir da metade do século XVIII surge a fotografia e desenvolve-se a técnica e arte dos cartazes. Os guias impressos surgem no século XIX.

No século XIX, surgem os guias impressos, tais, como conhecemos hoje, com divulgação de informações, numa perspectiva de comunicação de massa, sem referência a uma camada social específica, porém, alguns guias são destinados a determinados públicos e finalidades. O autor observa que com o advento da locomotiva a vapor, a idéia de abrir nas estações de estradas de ferro, uma banca de livros e jornais espalhou-se rapidamente inicialmente em Londres e depois Paris, por volta de 1850 (CAMARGO, 2002, p. 65).

O primeiro guia que Baedeker, um dos pioneiros do turismo, editou foi sobre viagem pelo Reno, *Rheinlande*, em 1839. Ainda no século XIX Thomas Cook estabelece os fundamentos das viagens organizadas, introduz conceitos de pacote turístico e também lança um guia, o *Handbook of Trip*, descrevendo o itinerário da viagem de Leicester a Liverpool (REJOWSKY, 2002).

Segundo Camargo (2007) o Brasil deixar  desvendar-se para o mundo em 1808. A partir de então, até 1850, encontraremos registros de viagens feitos por europeus, sobretudo, ingleses. Finalmente, com as paisagens e atrativos naturais na literatura de viagens, passa a ser conhecido, sobretudo, o Estado do Rio de Janeiro, ao menos potencialmente como núcleo receptor, no entanto, muito distante de se tornar destinação, nessa primeira metade de século. Scarrone (2007) nos informa que o primeiro guia escrito e editado no Brasil pelo alemão Revert Henry Klumb no ano de 1872, teve por mérito apenas o de ser o primeiro feito no país:

O livro não tem merecimento a não o de ser o primeiro guia do viajante, feito no país, guia ilustrado de desenhos copiados da fotografia [...] A idéia primeira é de 1861, em 1863 trabalhei nela, em 1864, 1865 e 1866 acabei as vistas, em 1870 tratei da publicação com um editor e enfim em 1872 vejo-a realizada!

Segundo Scarrone, (2007) dois exemplares deste guia, intitulado “Doze horas em diligência – Guia ilustrado do viajante de Petrópolis a Juiz de Fora” se encontram na Divisão de Obras Raras da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro – RJ. Cont m, cada um, 85 páginas

e 29 litografias que acompanham o texto, produzidas a partir de fotografias tiradas por Klumb, que elencam além das paisagens naturais, preços e horários de trem e outras curiosidades acompanhando o viajante durante os 144 quilômetros de percurso entre Petrópolis e Juiz de Fora.

Camargo (2007) considera a literatura de viagens, escritas por europeus, no século XIX, incluindo, guias, almanaques, anúncios de jornal, vinhetas e ilustrações como uma possibilidade de se constatar oferta e serviços disponíveis da época.

Quanto à cidade de São Paulo, tem-se conhecimento de um guia para o viajante, intitulado “Guia Ilustrado do Viajante”, escrito por Jacyntho Silva, editado por Monteiro Lobato, em São Paulo, no ano de 1924. Dois exemplares deste guia fazem parte do acervo do Museu Paulista da Universidade de São Paulo.

O Guia Ilustrado do Viajante – 1924

A obra, ora descrita e analisada, com 360 páginas, contempla figuras e fotos, texto, e uma variedade de anúncios publicitários, é editada logo após o centenário da Proclamação da Independência do Brasil, representa para a cidade de São Paulo, uma gama de informações descritas de forma detalhada para viajantes, turistas e moradores.

O formato do livro é de 16cmx12cm, nota-se a capa dura restaurada e as páginas amareladas muito finas. A folha de rosto do guia, com dados relativos ao mesmo, que integra o título da obra, nome do autor, editor, ano de publicação entre outras informações é assim descrita:

Colecção dos guias Jacyntho
Cidade de São Paulo
Guia Ilustrado do Viajante –
Manual systema “Baedeker” para uso dos forasteiros contendo ilustrações
elucidativas e grande número de informações e dados officiaes –
Organizado por Jacyntho Silva
S. Paulo – Brasil
Monteiro Lobato & C -1924-

O escritor se dirige ao leitor, num Prefácio, contemplando a utilidade do guia, o tempo e trabalho em recolher informações, segundo ele, escassas na época e de quão dispendioso foi elaborar a obra.

Guia Ilustrado do Viajante -1924
Ao leitor
O Guia illustrado do viajante não é mais que um manual destinado a servir de
cicerone aos forasteiros.

Na sua confecção dispendi algum tempo, na collecta rigorosa de informações tão deficientes e incompletas nos trabalhos deste gênero até hoje apparecidos, representando por isso, um serviço já inteiramente indispensável, à nossa vasta e opulenta capital.

Fil-o com o maximo cuidado, afim de que preenchesse, em absoluto, aos seus fins: informar com segurança e minuciosamente aos viajantes e a todos aquelles que desejam conhecer a cidade de São Paulo.

Tantas foram as dificuldades encontradas para a obtenção de dados e tantos os esforços dispendidos para afinal vencel-as por completo, que se me afigura possível affirmar que o “Guia do Viajante” é o trabalho mais completo no gênero, publicado em São Paulo.

Jacyntho Silva

O guia em questão contempla diversos anúncios, descritos de maneira peculiar, de produtos para casa e alimentícios, entre venda de lotes (onde hoje se situa o Jardim Europa) na cidade de São Paulo, hotéis, atrativos naturais, atrativos históricos e culturais, monumentos, etc.

Algumas informações importantes para os viajantes têm destaque como a língua falada no país, que segundo o autor, é a portuguesa, mas muitos entendem o espanhol, o francês, o italiano, inglês e até alemão, além da unidade monetária utilizada: o real, bem como a hora oficial do país.

São abordados assuntos específicos, divididos em três partes sendo que a primeira é composta por dez capítulos e cada um deles trata de um tema como, por exemplo: a chegada do viajante à São Paulo. Detalhadamente o autor descreve o local de desembarque, tanto por via terrestre quanto marítima e todos os trâmites necessários e embarque ao Rio de Janeiro, interior do Estado de São Paulo e à cidade de Santos. Os meios de locomoção, neste caso, considerados: carros de praça, bondes, carruagens e trens; os meios de transporte, refere-se aos carregadores, às carroças, e caminhões para o transporte de bagagens e cargas; os meios de comunicação, são constituídos por: correios, telégrafos e telefone, todos descritos com endereços e as informações necessárias para o viajante; há que se destacar que não existem mapas.

Ainda na primeira parte, o autor detalha informações sobre o modo de viver (aqui se refere à alimentação) sugerindo os melhores lugares, numa lista de nomes e endereços de restaurantes e hotéis, casas de chá, café, confeitarias e sorveterias, bem como as feiras livres e mercados públicos.

Algumas informações práticas dão conta dos melhores locais para banhos quentes ou frios, de mar (Santos), duchas medicinais, entre outros serviços como cabeleireiro, barbeiro, manicura, cambistas, livrarias, alfarrabistas etc.

O capítulo VII é dedicado aos passeios em jardins e parques, sendo sugestões: o Parque D. Pedro II, com foto do parque recentemente inaugurado na antiga várzea do Carmo, um dos maiores de São Paulo, descreve o autor, “destacando-se pela artística disposição dos canteiros floridos em meio ao gramado verdejante”, Parque do Anhangabaú e Parque da Independência; são contemplados ainda, os Jardins da Luz, da Aclimação, da Praça da República, e as inúmeras praças como da Sé, João Mendes e Antonio Prado. O largo São Bento, São Francisco e do Paissandu também estão elencados entre tantos outros. O autor ainda sugere passeios, numa interessante descrição sobre as ruas do Triângulo – nome por que é conhecido o trajeto das Ruas XV de Novembro, São Bento e Rua Direita.

A Rua 15 é a rua dos bancos, nela só se ouve falar em cheques. A Rua São Bento é a rua das Bolsas de Mercadoria e de Títulos, só se fala em café, algodão e cereaes. A Rua Direita é a rua da elegância, as casas de moda ahi situadas attraem a attenção da elite feminina... aos sabbados o sexo forte se encontra na Rua Direita maximé em frente ao Mappin Stores...(SILVA, 1924, p.72)

Ainda são sugeridos pelo autor, passeios nas avenidas: Paulista, Higienópolis, Angélica e pelo Jardim América. Sobre o bairro do Ipiranga, cita o monumento e museu além do riacho; no bairro do Braz se refere às indústrias e à grande quantidade de casas dos trabalhadores, as avenidas Rangel Pestana e Celso Garcia também são citadas, passando pelo bairro da Penha e chegando até a Ponte Grande, assim denominada por conta da existência de uma ponte menor, descrita por Silva.

A denominação Ponte Grande vem do facto de existir ahi, sobre o Rio Tietê uma ponte mettalica maior que a que um pouco antes, passa sobre o Tamandatey e é conhecida por Ponte Pequena. (SILVA, 1924, p. 76).

Destaque para os clubes de regatas Tietê, São Paulo e Esperia, e os clubes de futebol Palmeiras e Corinthians. Viadutos, pontes e canais também são contemplados neste capítulo, assim como, a represa Santo Amaro, destacando aspectos curiosos da vila.

O capítulo IX, intitulado de Curiosidades a ver (Obras d’arte etc.) detalha os monumentos comemorativos, como o Monumento do Ipiranga, a descrição do autor é longa e minuciosa acerca do monumento e do museu, cujo trabalho fora concluído em 1890. Na página 84 do guia está uma foto deste monumento que segundo o autor “não há no país obra de arte que se lhe avantage”, monumentos, estátuas, hermas e bustos são descritos, notando-se a valorização que institui a estas obras, ao que se infere, influenciado pelas recentes comemorações do Centenário da Independência ocorridas em 1922.

Prossegue o autor se reportando neste capítulo, considerado o mais longo do guia, à descrição do Palácio do Governo, da Justiça, das Indústrias, dos Campos Elíseos e da Cúria Metropolitana. Sob a denominação edifícios religiosos, contempla as catedrais, igrejas, santuários e conventos existentes ou em construção na época como é o caso da Catedral Metropolitana de São Paulo, ou simplesmente Catedral da Sé, a Basílica de São Bento, entre tantas outras, inclusive igrejas de outras denominações ou cultos, também criteriosamente descritas, com nome, endereço, data da fundação, tipo de arquitetura, obras de arte ali existentes, detalhes dos vitrais, púlpitos, portas e janelas, origem, entre outros dados julgados interessantes pelo autor. Entre os muitos edifícios notáveis descritos no guia, está o da Penitenciária de São Paulo, no bairro do Carandiru, classificado pelo autor como “um dos mais bellos monumentos architêtonicos da Paulicea”, cuja pedra fundamental fora lançada no dia 13 de maio de 1911 (exibe foto do prédio à página 112). Totalmente detalhado quanto à distribuição de celas, número provável de ocupantes, lavanderia, rouparia, cozinha, salas de oficina, quartos de banho numa área total de 97.750 m², abrangendo pátios e jardins, inaugurado em abril de 1920 constituiu verdadeiro acontecimento para a cidade.

Destacam-se ainda entre os edifícios notáveis o prédio dos Correios e Telégrafos, a Faculdade de Direito, a Escola Normal da Capital, o Lyceu de Artes e Ofícios, o Hospital da Força Pública, o Automóvel Club, o Teatro Municipal, o Tribunal de Justiça e uma infinidade de outros, entre delegacias, escolas e tribunais.

Alguns institutos merecem destaque como o Instituto Butantan, Instituto Bacteriológico, Instituto de Higiene, Anatômico da Faculdade de Medicina, de Veterinária e de Análises Químicas e Bromatológicas, Laboratório Farmacêutico etc. Importante observar que todas essas edificações existiam desde meados do século XIX.

O autor discorre sobre o abastecimento de águas da capital feito por Estabelecimentos da Companhia Cantareira, porém, informa que a população mais pobre, na época abastecia-se de águas das “biquinhas”. Em 1872, a cidade de São Paulo, então, com 25.000 habitantes é abastecida pela Cia. Cantareira de Águas e Esgotos, contudo em 1893, o governo paulista toma para si a responsabilidade do abastecimento de águas e ocorre a desapropriação e desmatamento de grande área da Serra. Pela primeira vez cita a palavra “turista”, reportando-se à Serra da Cantareira: “Este aprazível e pittoresco recanto da Cantareira é um dos pontos que o turista deve visitar” (SILVA, 1924, p.148), e “patrimônio” quando se refere às árvores transplantadas da Serra da Cantareira para o Horto Botânico do Ypiranga, dependências do

Museu Paulista (atual Parque da Independência). Das instituições pias fazem parte orfanatos, creches e asilos, em número razoável, algumas destas instituições são construídas e mantidas pelos governos paulista e italiano (como o Hospital Humberto Primo). Ainda neste capítulo são citados os dois cemitérios mais importantes da cidade: da Consolação e do Araçá, com destaque para a arquitetura e trabalhos de arte fúnebre, ali existentes.

Cerca de 15 páginas do guia são destinadas às descrições do Museu Paulista. O Museu de Arte Christan (atual Museu de Arte Sacra), a Pinacoteca do Estado de São Paulo, entre outros museus e bibliotecas também têm lugar de destaque nesse capítulo, entre as quais estão a Biblioteca Pública, da Câmara Municipal, da Escola Politécnica, do Arquivo do Estado e do Museu Paulista.

Silva (1924) descreve pormenores sobre a imprensa local, listando os jornais brasileiros, dividindo-os em uma lista para manhã, outra para tarde e outra para noite; os estrangeiros separados por país de origem, as revistas da época nacionais e estrangeiras. Interessante observar que divulga todos os endereços das redações dos jornais e revistas brasileiros, além de sua periodicidade.

A segunda parte da obra é dividida em sete capítulos e faz abordagens sobre a Administração da cidade, Governo do Estado, Municipalidade, Governo Federal, Religião, Comercio, Saúde pública e Serviço funerário, sugerindo endereços, documentação e outros assuntos pertinentes. Inicia-se à página 187, dando destaque para a Administração Estadual, detalhando nomes, endereços e serviços prestados, incluindo a Delegacia de Ensino e a Diretoria Geral de Serviços de Educação e de Saúde. As informações sobre as secretarias estaduais seguem o mesmo padrão, contemplando nomes, endereços, meio de locomoção utilizado, no caso o número do bonde; nota-se a inexistência de telefones na maioria desses locais. Serviço de corpo de bombeiros, hospícios, hospitais, cartórios e tabeliães também encontram-se listados.

Informações sobre a municipalidade e seus departamentos seguem-se acrescidas de algumas já descritas como dos cemitérios, por exemplo, contudo, o autor acrescenta o do Braz, da Lapa, de Santana e São Miguel. Informações sobre o Matadouro Municipal e a Fiscalização do Leite também estão nesta parte do guia.

No capítulo III desta segunda parte, o autor prossegue da mesma maneira, detalhando nomes e endereços da Administração Federal, incluindo, alguns que já foram descritos como dos Correios e Telégrafos.

No capítulo IV, referindo-se à religião, repete todos os nomes e endereços, bem como meio de transporte ou locomoção que servem às igrejas, santuários, conventos e mosteiros, além da Catedral da Praça da Sé.

Os capítulos que se seguem tratam do comércio e todos os assuntos pertinentes, desde a Associação Comercial, até bancos nacionais e estrangeiros e também à Saúde. Listando repetidamente os nomes e endereços de hospitais, casas de saúde e hospícios, termina esta segunda parte do guia reportando-se ao serviço funerário e serviços de “pompas fúnebres”, com uma lista de nomes e endereços de cemitérios, já contemplada.

A terceira parte do guia, intitulada Partida – Como se deve viajar – reforça horários de trens para o interior do Estado e para o Rio de Janeiro, além das companhias de estradas de ferro; existem informações sobre as companhias de navegação estrangeiras e nacionais, sobre passaportes, com destaque para as exigências feitas pelos Estados Unidos, além de todos trâmites necessários para quem viaja por via marítima.

A quarta parte do guia é destinada aos estrangeiros considerando seus direitos e deveres, existem alguns requisitos facilitadores para aqueles que querem naturalizar-se ou permanecer definitivamente no país, como ter uma profissão, ser proprietário de indústria no Brasil, ser casado com brasileiro e lista todos os consulados com os respectivos endereços.

A quinta parte destinada ao imigrante apresenta a hospedaria, localizada no bairro do Braz, também esclarece sobre o povoamento do solo de São Paulo, e dá informações sobre o Patronato Agrícola.

A sexta e última parte do guia intitula-se Dicionário de Ruas, é um guia de ruas como num dicionário, em ordem alfabética. Aparecem desta forma: nome da rua, nome do bairro, onde inicia e número do bonde que por ela trafega.

Conclusão

Este artigo contempla algumas formas de turismo praticadas no início do século XX por famílias do interior do estado de São Paulo, para a cidade, sobretudo com a modernização do consumo e comércio, além do praticado pelo habitante da cidade às praias de Santos, para os banhos de mar

O que se observa até então, são alguns pontos importantes sobre a origem dos guias impressos e o conhecimento destes, escritos a partir do século XIX, sobretudo, no Brasil, além do fato do guia ser importante instrumento de hospitalidade, pois fazem a mediação entre o

turista e o espaço público. Na cidade de São Paulo, localizamos o Guia Ilustrado do Viajante, de 1924, escrito por Jacyntho Silva. Infere-se ser o mais antigo guia, ainda existente e disponível para consulta, no acervo da biblioteca do Museu Paulista.

É clara, a preocupação do autor em explicar inicialmente o quanto trabalhoso a elaboração da obra; as minúcias e detalhes com que aborda e contempla todos os temas desde o início ao fim, sem modificar em nenhuma página o seu modo de escrever e descrever os monumentos, os jardins, os cemitérios, a penitenciária ou os horários de trens. O guia de 1924 apresenta a cidade ao viajante, além de ser útil ao morador ou imigrante, em grande número, nesta época. As informações sobre museus, palácios, casarões, igrejas e monumentos descrevendo detalhes sobre a arquitetura, fachadas demonstram a valorização dos bens culturais que formam o patrimônio e que da mesma forma estão presentes nos guias contemporâneos.

A partir dos guias, os bens culturais são convertidos em atrativos turísticos, veiculam a arte, a cultura, a tradição e a história da localidade compondo e integrando ainda, aspectos da hospitalidade urbana.

Referências

BARRETTO, Margarita. *Manual de iniciação ao estudo do Turismo*. São Paulo: Papirus, 2003.

CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio histórico e cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.

_____. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

CAMARGO, Luiz Otávio de Lima. A pesquisa em hospitalidade. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade. *Anais do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Santos, 2007.

GRINOVER, Lúcio. A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano III, nº 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

MORGAN-PROUX, Catherine. A hospitalidade dos guias intérpretes e o desenvolvimento turístico duradouro. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, ano III, nº 2, 2º sem. 2006.

REIS, Nestor Goulart. *São Paulo: vila, cidade, metrópole*. São Paulo: Qualis Editora e Comunicação, 2004.

REJOWSKI, Mirian (org.). *Turismo no percurso de tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SCARRONE, Marcello. Doze horas numa diligência. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, Edição nº 27, Dez. 2007.

SILVA, Jacyntho. *Guia ilustrado do viajante*. São Paulo, Monteiro Lobato, 1924.